

# Agruras na madrugada

GABRIEL DE SÁ  
ESPECIAL PARA O CORREIO



**Segundo pesquisa da UnB, de 2011, cerca de 2,5 mil pessoas vivem nas ruas do DF. Pelo menos 25% delas no Plano Piloto**

dormiu sob um teto foi há seis meses, na casa de uma amiga. Sem emprego fixo nem renda, acabou na rua. Seu Leomar faz parte de um grupo cada vez maior de brasileiros; mas, ao mesmo tempo, cada vez mais invisível aos olhos da sociedade. Brasília, até os anos 1980, destacava-se pela quase total ausência desse sintoma. Contudo, a rápida expansão trouxe à tona os problemas comuns a outras cidades grandes.

Elivan Batista dos Santos, 27, é baiano de Riachão das Neves. Lá, trabalhava na roça. Em Brasília, tenta se sustentar como flanelinha, catador de lixo e fazendo bicos em ferros-velhos. Nas lixeiras da Asa Sul, procura não só algo que possa ser reciclado. “Quando a gente acha uma comidinha boa, a gente manda a ver, né?” Logo que chegou da Bahia, conheceu Fabiana, com quem divide há cerca de um ano a acidez da caminhada ao relento.

Eles “moram” em uma cabana improvisada em uma caixa de energia no Setor de Rádio e Televisão Sul. Temendo a “traíragem”, conta que “dorme” com um olho aberto. “A ‘rueira’ é muito cabulosa. Estamos sujeitos a tudo.” O maior sonho? Voltar para casa e levar a nova mulher. “Tenho muita saudade de dormir em uma cama”, conta.



Elivan, baiano, em sua “casa”, uma cabana improvisada em uma caixa de energia no SRTVS: medo da “traíragem”